



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE  
CAMPUS AVANÇADO DE PATU  
DEPARTAMENTO DE LETRAS LÍNGUA PORTUGUESA  
CURSO DE LETRAS – LÍNGUA PORTUGUESA E RESPECTIVAS LITERATURAS**

**JOSÉ DEIVIDE PEREIRA LINO**

**A VISUALIDADE E O AUTO-(RE)CONHECIMENTO DA NARRADORA  
AUTODIEGÉTICA NA OBRA *DESPERTAR DO SILÊNCIO* DE SHIRLEY VILHALVA**

**PATU – RN  
2024**

**JOSÉ DEIVIDE PEREIRA LINO**

**A VISUALIDADE E O AUTO-(RE)CONHECIMENTO DA NARRADORA  
AUTODIEGÉTICA NA OBRA *DESPERTAR DO SILÊNCIO* DE SHIRLEY VILHALVA**

Monografia apresentada à Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), como requisito obrigatório para a obtenção do título de licenciado em Letras – Língua Portuguesa e Respectivas Literaturas.

**Orientadora:** Prof<sup>ª</sup>. Esp. Marília Daniela Pereira Lino

Linha de pesquisa: Língua/Linguística - Literatura surda.

**Patu – RN  
2024**

© Todos os direitos estão reservados a Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. O conteúdo desta obra é de inteira responsabilidade do(a) autor(a), sendo o mesmo, passível de sanções administrativas ou penais, caso sejam infringidas as leis que regulamentam a Propriedade Intelectual, respectivamente, Patentes: Lei nº 9.279/1996 e Direitos Autorais: Lei nº 9.610/1998. A mesma poderá servir de base literária para novas pesquisas, desde que a obra e seu(a) respectivo(a) autor(a) sejam devidamente citados e mencionados os seus créditos bibliográficos.

**Catálogo da Publicação na Fonte.**  
**Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.**

L758v Lino, José Deivide Pereira  
A visualidade e o auto-(re)conhecimento da narradora autodiegética na obra *Despertar do Silêncio* de Shirley Vilhalva. / José Deivide Pereira Lino. - Patu/RN, 2024.  
38p.

Orientador(a): Profa. Esp. Marília Daniela Pereira Lino.  
Monografia (Graduação em Letras (Habilitação em Língua Portuguesa e suas respectivas Literaturas)).  
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.

1. Literatura Surda. 2. Visualidade. 3. Auto-(re)conhecimento. 4. Identidade. 5. *Despertar do Silêncio*.  
I. Lino, Marília Daniela Pereira. II. Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. III. Título.

**JOSÉ DEIVIDE PEREIRA LINO**

**A VISUALIDADE E O AUTO-(RE)CONHECIMENTO DA NARRADORA  
AUTODIEGÉTICA NA OBRA *DESPERTAR DO SILÊNCIO* DE SHIRLEY  
VILHALVA**

Monografia apresentada à Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), no *Campus* Avançado de Patu – CAP, como requisito obrigatório para a obtenção do título de licenciado em Letras – Língua Portuguesa e Respectivas Literaturas.

Aprovado em: 04/12/2024

**Banca examinadora**

Documento assinado digitalmente  
 **MARILIA DANIELA PEREIRA LINO**  
Data: 17/12/2024 10:07:24-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

---

Prof<sup>ª</sup>. Esp. Marília Daniela Pereira Lino (Orientadora)  
Universidade Estadual do Rio Grande do Norte – UERN

Documento assinado digitalmente  
 **FRANCISCA LAILSA RIBEIRO PINTO**  
Data: 17/12/2024 09:53:58-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

---

Prof<sup>ª</sup>. Ma. Francisca Lailsa Ribeiro Pinto (Examinador 1)  
Universidade Estadual do Rio Grande do Norte - UERN

Documento assinado digitalmente  
 **MAURO SILVANO MEDEIROS PEREIRA**  
Data: 16/12/2024 22:04:47-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

---

Prof. Me. Mauro Silvano Medeiros Pereira (Examinador 2)  
Universidade Federal Rural do Semi-Árido – UFERSA

Aos meus familiares, amigos e todos aqueles que ajudaram de alguma forma.

## AGRADECIMENTOS

Deixo aqui neste trabalho de pesquisa meus agradecimentos primeiramente a meu Senhor, aquele que sempre está disponível, aquele que sempre ouve, aquele que sempre nos levanta quando caímos. Obrigado meu Deus por me ajudar, em muitas noites conversei com o Senhor, e o Senhor me provou todas as vezes ter me ouvido. Seus sinais foram bastante claros aos meus olhos, sempre te amarei.

Também dedico esse espaço a meus familiares, pois, sem eles nunca teria conseguido chegar aonde cheguei. Inicialmente a meus pais, Maria Ivoneide Pereira da Silva e Oscar Lino Martins, pois são meus pilares nessa construção que chamamos de vida. Também destaco minha irmã caçula Maria Darllyanny Pereira Lino e a sua disponibilidade de me ajudar quando precisei. Minha atual namorada Rejane Mariane Freitas Alencar, principalmente pelas suas palavras de conforto e confiança em mim, me ouvindo em vários momentos que precisei de alguém.

Em fechamento dos agradecimentos dentro do grupo familiar, devo este parágrafo único e exclusivamente para minha irmã e orientadora, a Prof<sup>ª</sup> Esp. Marília Daniela Pereira Lino, pois, foi vendo seu esforço em sempre querer conhecer mais e mais, que despertou em mim o desejo de acompanhá-la nesse percurso. Sempre atenciosa e pontual, nunca me deu atenção especial em relação aos seus outros orientandos, me ensinando a ser forte e buscar aquilo que eu quero. Obrigado pela paciência, pelos sermões e pelos ensinamentos.

Também deixo aqui meus sinceros agradecimentos aos meus amigos de curso: Daniel, David, Thiago, Déborah, Ruth, Raquel, Eduarda, Alícia, Bárbara, Matheus e Josiclebe. Obrigado por serem luz nesse percurso, a presença de vocês todas as manhãs me fazia bem, ver todos nós reunidos e falando bobagens ao vento.

Por fim, agradeço aos meus primos Railson, Kleber, Wallison, Júnior e Kely, por sempre acreditarem em mim e no meu potencial. Também não posso esquecer de mencionar todos os meus ex-alunos durante o meu período como estagiário, pois foi por meio da relação com eles que descobri o meu “eu professor” e criei amor e apreço pela profissão.

## RESUMO

Este trabalho é voltado para a área da Literatura, mais precisamente para o âmbito da Literatura Surda, abordando uma narrativa autobiográfica que relata os acontecimentos vivenciados pela personagem e narradora, desde sua infância até conquistas alcançadas após o conhecimento e o reconhecimento de si. Logo, temos como principal objetivo investigar as percepções visuais e o desenvolvimento de uma pessoa surda através da obra de Literatura Surda *Despertar do Silêncio* com a narradora autodiegética Shirley Vilhalva. Mais precisamente, buscamos analisar a literatura surda numa perspectiva autobiográfica, as percepções visuais e a luta pela identidade surda a partir de seu auto-(re)conhecimento na obra. Como justificativa, buscamos realizar esta pesquisa interligando a área da Libras ao curso de Letras Português, compreendendo que a Literatura Surda, assim como a Literatura convencional, é rica em suas finalidades, como também a contribuição material poderá ajudar significativamente nos estudos da área. Ademais, ao término desta pesquisa, novos trabalhos de uma nova área farão parte dos temas de Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN em Patu, de forma pioneira. De modo geral, foi utilizada uma pesquisa qualitativa e exploratória, de cunho bibliográfico, já que todos os materiais foram encontrados na internet para a materialização desta ciência. Ademais, dividimos em dois capítulos teórico-analíticos com dois tópicos de desenvolvimento cada, pois, ao se tratar de uma análise literária optamos por relacionar teoria e análise, isto facilita a leitura de trechos da obra e o fechamento com os teóricos. Logo, utilizamos Karnopp (2006, 2010) para discutir sobre a Literatura Surda, pontualmente sobre a perspectiva de uma escrita autobiográfica; Leguari e Santos (2016) e Castro (2015) acerca da importância da identidade do sujeito surdo; Nunes (2010); (2018) e Pereira (2014) com intuito de discutir a vida social do sujeito surdo; Silva, Santos e Rosa (2016) para relacionar com o processo que levou Shirley a se auto-(re)conhecer em função de seu desenvolvimento que acarretou quebra de estigmas. Portanto, através de trechos a serem analisados, iremos tentar compreender o sujeito surdo através da obra *Despertar do Silêncio* (2004) de Shirley Vilhalva em suas vivências registradas na narrativa, evidenciando, com prioridade sua evolução a partir da experiência visual/espacial.

**Palavras-chave:** Literatura Surda; Visualidade; Auto-(re)conhecimento; Identidade; Despertar do Silêncio.

## ABSTRACT

This study is directed towards the field of Literature, more specifically within the scope of Deaf Literature, exploring an autobiographical narrative that recounts the events experienced by the character and narrator, from her childhood to the achievements gained after the knowledge and recognition. Thus, the main objective is to investigate the visual perceptions and personal development of a deaf individual through the Deaf Literature work *Despertar do Silêncio* (Awakening from Silence), narrated by the autodiegetic author Shirley Vilhalva. More precisely, the study seeks to analyze Deaf Literature from an autobiographical perspective, interrogating the interplay between visuality, the struggle for deaf identity, and the process of self-(re)cognition that emerges in the narrative. This research is justified by its contribution to bridging the field of Brazilian Sign Language (*Libras*) with Portuguese Language and Literature studies, recognizing that Deaf Literature, akin to canonical literature, is rich in its purposes. Additionally, the findings may contribute to the field, paving the way for innovative undergraduate research projects at the State University of Rio Grande do Norte (UERN) in Patu, thus establishing a pioneering academic endeavor. Methodologically, the study adopts a qualitative and exploratory framework with a bibliographic approach, as all primary and secondary sources were accessed online to support the theoretical and analytical discussions. Moreover, the research is structured into two theoretical-analytical chapters, each divided into two sections, reflecting an integrated approach to theory and textual analysis. Such organization facilitates a critical engagement with excerpts from the literary work, juxtaposed with theoretical discourses, thereby enriching the interpretative process. Our theoretical framework includes contributions from Karnopp (2006, 2010) on Deaf Literature and autobiographical writing; Leguari and Santos (2016) and Castro (2015) on the construction and significance of deaf identity; and Nunes (2010), Salazar (2018), and Pereira (2014) on the sociocultural dynamics of Deaf individuals. Silva, Santos and Rosa (2016) further examines the processes through which Shirley Vilhalva negotiates self-(re)cognition and disrupts stigmatizing narratives within her developmental journey. Therefore, through the analysis of selected excerpts, we aim to understand the deaf subject as portrayed in Shirley Vilhalva's *Despertar do Silêncio* (2004), highlighting her evolution through visual and spatial experiences documented in the narrative.

**Keywords:** Deaf Literature; Visuality; Self-(re)cognition; Identity; *Despertar do Silêncio*.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO.....</b>	<b>8</b>
<b>2 A VISUALIDADE E O PROCESSO DO AUTO-(RE)CONHECIMENTO DA NARRADORA SHIRLEY VILHALVA .....</b>	<b>13</b>
<b>2.1 Literatura Surda no viés da escrita autobiográfica.....</b>	<b>13</b>
<b>2.2 Identidade surda e auto-(re)conhecimento.....</b>	<b>18</b>
<b>3 MEIO SOCIAL: SHIRLEY VILHALVA E O ROMPIMENTO COM O SILÊNCIO</b>	<b>24</b>
<b>3.1 “De que adianta falar com eles se eles nem ligam para mim?”: o processo de construção das relações sociais.....</b>	<b>24</b>
<b>3.2 O estigma “Não sei para que ela estuda se é surda” e a superação através da persistência.....</b>	<b>28</b>
<b>4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>33</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>37</b>

## 1 INTRODUÇÃO

A presente pesquisa tem por finalidade analisar as percepções visuais da narradora autodiegética Shirley Vilhalva sobre o mundo a sua volta e as suas formas de compreensão que ela desenvolve através da observação, contribuindo para seu auto(re)conhecimento. Ademais, destacamos o problema relacionado à necessidade do saber no processo do desenvolvimento da compreensão e apreensão do indivíduo surdo. Com isso, compreender como a ausência desse conhecimento pode impactar o desenvolvimento dessas pessoas no ambiente familiar e na sociedade, afetando áreas como o trabalho, a formação escolar e acadêmica, e as interações sociais com indivíduos ouvintistas ao seu redor.

Em obras literárias, o autor dispõe de uma ampla gama de recursos e estilos para orientar o leitor quanto ao foco principal da obra, sendo que, frequentemente, essas associações estão vinculadas a uma crítica social ou a eventos específicos. Na Literatura Surda, é comum a utilização da escrita autobiográfica, considerando que a comunidade surda busca constantemente o protagonismo por meio de suas produções literárias.

Além do protagonismo surdo nas obras literárias ser um ponto crucial para sua elaboração, as percepções visuais também sugerem uma descrição mais detalhada e vívida, pois, na ausência da audição, a autora surda se preocupa em criar cenas na mente do leitor daquilo visto através de sua visão de mundo. Ademais, mencionamos a forte ligação da imagem como força motriz para sua assimilação, nesse viés, as obras produzidas por autoras surdas contempla uma grande riqueza em detalhes.

Nas obras literárias pertencentes à autoras surdas, vivências e percepções de mundo em seu modo singular, relatando uma experiência visual de seu (desenvolvimento, cultura, ambiente, espaço, etc.), tornam o texto mais prazeroso e substancial para leitores, considerando que trata-se de uma narrativa pessoal, gerando uma certa curiosidade no leitor no que se refere ao desfecho da obra, sabendo que carrega consigo um certo grau de veracidade dos fatos, logo se torna uma característica notável neste texto literário.

Na obra *Despertar do Silêncio* (2004), com autoria da brasileira Shirley Vilhalva com a publicação da editora Arara Azul, nos deparamos com uma narrativa que aborda as dificuldades existentes para o sujeito surdo em se comunicar, as visões de si mesma nas descrições de suas ações, da maneira como os outros a tratavam e a busca pelo reconhecimento de sua comunidade através das vivências descritas nas suas conquistas. A narradora autodiegética Shirley Vilhalva, retoma acontecimentos de seu passado registrados pela lente de sua visão com uma escrita autobiográfica, desde o início de suas primeiras memórias até suas lutas e conquistas.

Sabemos que o sujeito surdo a princípio não se reconhece como surdo, pois, para que possa ter conhecimento do que é ser surdo, antes de tudo é necessário todo um processo para a construção da sua identidade, como a aceitação, o auto-(re)conhecimento, as percepções visuais, como podemos perceber no trecho, “quando uma pessoa fala ela abre e fecha a boca e a outra pessoa fica de boca fechada e quando essa acabar de falar a outra abre a boca, que maravilha” (Vilhalva, 2004, p. 17). Nesse exemplar, a narradora descreve como as pessoas se comunicavam, olhando umas para as outras e movimentando os lábios, com isso, assimilando algo que difere ela de outras pessoas, pois, nesse momento ela descobre a existência da oralidade e da sua falta de audição. No entanto, a privação de um dos sentidos não impede, tampouco limita as capacidades de um sujeito no sistema linguístico da oralização.

Portanto, partindo da contextualização discorrida até esta etapa da pesquisa, iremos tentar responder alguns questionamentos acerca das percepções visuais e o auto(re)conhecimento da narradora na obra. Sendo (1) como a Literatura Surda pode contribuir para a criação da identidade surda numa perspectiva de obras autobiográficas? (2) de que forma a narradora autodiegética Shirley Vilhalva descreve sua ótica sobre as pessoas que estão em sua volta numa perspectiva interpessoal? Por fim, (3) quais motivos levaram Shirley Vilhalva a se auto-reconhecer como pessoa surda e as relações deste ato com a comunidade surda?

Desse modo, iremos presumir possíveis respostas para as questões apresentadas, sendo elas: (1) a Literatura Surda na perspectiva de construção do sujeito surdo pode gerar um prognóstico positivo, tendo em vista o protagonismo da pessoa surda em sua própria obra. (2) as relações interpessoais a partir de sua visão de mundo podem ser um dos pontos principais para seu desenvolvimento, pois, para o sujeito surdo, sua habilidade de compreensão é o visual/espacial, e (3) as suas percepções de mundo, a ausência da audição e a falta de interação podem ser consideradas como a força motriz que levaram a narradora autodiegética Shirley Vilhalva a se auto-(re)conhecer como surda.

A referida pesquisa adota os seguintes objetivos: geral; investigar as percepções visuais e o desenvolvimento de uma pessoa surda através da obra de Literatura Surda “Despertar do Silêncio” com a narradora autodiegética Shirley Vilhalva. E específicos; a) analisar a importância da Literatura Surda por meio de uma escrita autobiográfica em que o sujeito surdo se torna protagonista contribuindo para construção de sua identidade; b) identificar o processo identitário de Shirley Vilhalva a partir de descrições visuais descritas na narrativa e as relações interpessoais vividas na obra *Despertar do Silêncio*; c) compreender os motivos que levaram Shirley a se auto-(re)conhecer como sujeito surda no decorrer da obra e quais melhorias foram obtidas a partir desse auto-(re)conhecimento que reverbera na comunidade surda.

O ponto motivador para elaboração desta pesquisa, encontra-se justificativas pessoal, social e acadêmica, dessa forma, a obra *Despertar do Silêncio* instiga o leitor e pesquisador a colocar-se no lugar dos surdos. Com isso, abrindo novos horizontes para uma necessidade futura, ao refletirmos em uma possível situação enquanto docente, no qual poderemos experienciar diversas realidades, dentre elas, a presença de um aluno surdo na sala de aula, em trabalhar conteúdos que busquem a conscientização dos demais colegas ouvintes e promova a inclusão desse sujeito surdo nos conteúdos a serem abordados, tendo em mente que sua modalidade de aprendizagem é visual/espacial.

Podemos discutir as questões sociais que estereotipam o sujeito surdo se situando em seu lugar na sociedade como método de enxergar o mundo na visão da personagem Shirley Vilhalva, com isso, conscientizar os sujeitos ouvintes na luta por uma sociedade mais igualitária e inclusiva, que respeite as diferenças e compreenda as dificuldades das pessoas surdas em relação a comunicação.

Por conseguinte, no que se refere ao âmbito acadêmico, percebemos que o número de pesquisas realizadas na área da Libras ainda é substancialmente pequeno, como também, a pouca visibilidade de autores surdos no atual curso de Letras Português. A carência de obras literárias a serem trabalhadas no curso, como também no *Campus* Avançado de Patu, referente a universidade do pesquisador, assumem papel motivador para essa inclusão de trabalhos que contemplem o sujeito surdo como protagonista.

Por esta ótica, muito foi discutido em relação a análise de obras literárias, no entanto, múltiplas são as visões singulares de cada sujeito. Durão (2015, p. 9) diz que “o cerne da pesquisa em literatura acontece em torno da interpretação. Não há uma receita ou fórmula, nada dado de antemão que assegure um ato interpretativo eficaz”. Dessa forma, notamos a teoria da análise, em que depende única e exclusivamente do pesquisador enxergar seu ponto de vista e compreensão do texto. Para tanto, utilizaremos como *corpus* de pesquisa a obra *Despertar do Silêncio*.

Para materialização desta pesquisa, antes de tudo, precisamos fundamentá-la e torná-la aberta para análises de acordo com a subjetividade do pesquisador, bem como a busca em trabalhos similares, contudo, trazendo visões diferentes de ponto de vista, ademais, classificá-la em suas ramificações científicas.

Nesse sentido, optamos em realizar uma pesquisa de cunho bibliográfica, pois, “a primeira fase da análise e da interpretação é a crítica do material bibliográfico, sendo considerado, um juízo de valor sobre determinado material científico” (Lakatos, 2003, p. 48). Com isso, nos detemos em coletar dados a partir de artigos, teses, livros teóricos e documentos

disponíveis na internet, dentre outros materiais que embasam nossa pesquisa, desse modo, fundamentando a nossa análise a partir de leituras prévias relacionadas ao nosso *corpus* de pesquisa referente a obra *Despertar do Silêncio* de Shirley Vilhalva.

O trabalho de investigação por meio da referida obra, se desenvolverá, portanto, à abordagem dos dados de forma qualitativa, visto que a partir da escolha da obra, iremos analisar, interpretar e investigar através da ótica de nosso problema de pesquisa. Ademais, também destacamos a pesquisa como exploratória, com isso identificar o modo que as percepções visuais influenciaram no desenvolvimento da narradora autodiegética e sua identificação como sujeito surda, pois, segundo Gil (2002, p. 41) “seu planejamento é, portanto, bastante flexível, de modo que possibilite a consideração dos mais variados aspectos relativos ao fato estudado”.

Partindo para a estrutura desta pesquisa, separamos em dois capítulos teórico-analíticos compostos com dois tópicos cada. No primeiro capítulo com o tema: *a visualidade e o processo do auto-(re)conhecimento da narradora shirley vilhalva* apresentamos o seguinte tópico intitulado *Literatura Surda no viés da escrita autobiográfica*. A partir deste iremos discutir um pouco sobre a Literatura Surda e suas particularidades de forma introdutória para melhor compreensão dos dois capítulos seguintes, dialogando com os estudos de Karnopp (2006); (2010) e Sutton (2021) de modo geral no que concerne à materialização do primeiro tópico.

Em seguida, o segundo tópico, no qual iremos discutir acerca da *identidade surda e auto-(re)conhecimento*. Para isso, utilizaremos Santana e Bergamo (2005); Leguari e Santos (2016) e Castro (2015) como teóricos principais para a construção desta etapa. No cerne da divisão do que será trabalhado dentro deste tópico, destacamos a necessidade de evidenciar a importância da identidade surda para o sujeito surdo, assim como o auto-(re)conhecimento a partir dessa aquisição.

Como último capítulo, com o tema: *Meio social: Shirley Vilhalva e o rompimento com o silêncio*, iremos tratar sobre o tópico: “*De que adianta falar com eles se eles nem ligam para mim?*”: *o processo de construção das relações sociais*, assegurados através dos estudos de Nunes (2010); Salazar (2018). Aqui, pretendemos compreender quais caminhos norteiam o sujeito surdo para a sua vida social, mais precisamente queremos observar na obra *Despertar do Silêncio* (2004) a forma de como surge e se instaura de modo natural na vida do sujeito.

Por fim, no último capítulo de nossa análise, intitulado *O estigma “Não sei para que ela estuda se é surda” e a superação através da persistência*, utilizaremos principalmente dos estudos de Silva, Santos e Rosa (2016) para relacionar com a questão da identidade, mesmo que de forma indireta. Iremos nos deter a analisar da personagem em si, bem como no processo que levou Shirley a se auto-(re)conhecer, em função de seu desenvolvimento, que acarreta

quebra de estigmas. Também recorreremos aos estudos de Sousa e Santos (2018), que destacam a importância da comunidade surda para o sujeito surdo, e de Dizeu e Caporali (2005), que abordam a importância de uma boa interação do sujeito surdo com seus semelhantes.

## **2 A VISUALIDADE E O PROCESSO DO AUTO-(RE)CONHECIMENTO DA NARRADORA SHIRLEY VILHALVA**

Na vida do sujeito surdo, a visão é o sentido mais importante para sua apreensão de mundo, vislumbrando experiências da vida social, como também a busca incessante de tentar compreendê-la. Na Literatura Surda é possível que o sujeito ouvinte tenha uma base de como é a realidade dos sujeitos surdos através de suas obras. Em *Despertar do Silêncio* (2004), escrito pela autora Shirley Vilhalva nos deparamos com uma escrita autobiográfica que contempla as descrições interpretativas de sua vida, assim como a construção do auto-(re)conhecimento como ponto inicial na busca da identidade. Destacamos que a identidade surda é tão importante para o sujeito surdo quanto a identidade do sujeito oral/auditivo presente em seu grupo social.

Segundo Gancho (2004) “não existe narrativa sem narrador, pois ele é o elemento estruturador da história” (p. 19). Dessa forma, podemos focalizar a importância da narradora Shirley Vilhalva, principalmente por se tratar de uma narradora autodiegética, ou seja, que narra os próprios acontecimentos de sua vida, sendo a autora da narrativa. Vale mencionar que, obras literárias pertencentes à autores surdos é comum seguir esse tipo de narrativa autobiográfica, pois, segundo Sutton (2021) “livros autobiográficos descrevem a experiência de ser surdo para explicar para os leitores (surdos ou não) quais os desafios, os sofrimentos, os esforços. Os prazeres e as felicidades de ser surdo.” Assim, ligamos esse pensamento ao esforço da comunidade surda em popularizar e protagonizar suas produções de acordo com suas vivências e contexto social.

Este capítulo foi desenvolvido com intuito de introduzir o conteúdo dos próximos tópicos de nossa pesquisa, contemplando os respectivos focos analíticos. Desse modo, iremos discutir as questões que levam o sujeito surdo a se debruçar no campo da Literatura Surda, como também sua busca pelo auto-(re)conhecimento, ademais, compreender o processo que leva o sujeito surdo em suas relações sociais tendo como base a obra *Despertar do Silêncio*.

### **2.1 Literatura Surda no viés da escrita autobiográfica**

Em tese, na Literatura Surda, observamos a presença de diversas obras nas quais o protagonista é surdo, abrangendo desde contos e histórias infantis adaptadas para incluir um personagem principal surdo, até narrativas mais longas ou curtas que, em sua maioria, retratam a vida do autor, colocando-o como protagonista da obra.

A Literatura Surda é uma das conquistas mais importantes para a cultura surda, não se pode conceituar, tampouco definir em completude, o que é a Literatura Surda, pois, o que há são apenas percepções do que se pode ser, tendo em vista que ela pode assumir papel singular de acordo com a subjetividade do escritor. Não se sabe ao certo sua origem, pois a Literatura Surda surge nos países de acordo com o início das primeiras criações de poemas na língua de sinais, mas vale lembrar que, o sujeito só em razão de não ouvir, não significa dizer que ele está inserido na cultura surda em propriedades globais, assim como acontece na Literatura que entendemos como convencional, cada sujeito possui sua forma de escrita singular e sua cultura em particular, contemplando suas peculiaridades, lugares e contextos diferentes, ou seja, são fatores que influenciam na escrita e produção da Literatura.

Para reforçar o que foi dito anteriormente em relação a singularidade de cada sujeito na sua escrita, podemos mencionar a obra em análise *Despertar do Silêncio*, pois no prólogo do livro há considerações de como a obra seria adaptada, em que diz que o livro foi escrito por uma autora surda parcial. Vale mencionar que sua edição se baseou apenas em acentos e pontuações da obra. Assim, permaneceram com a essência do que foi escrito, além do mais, é de suma importância que a equipe editora junto a escritora da obra esteja de acordo, pois, segundo Karnopp (2006), é possível criar meios de escrita que apresentem histórias de forma traduzidas da modalidade visual referentes a narrativas surdas que contam histórias de vida. Como na presente obra em análise de Shirley Vilhalva.

Como apontado anteriormente, a utilização da Literatura Surda tem papel fundamental nos processos de identidade dos sujeitos surdos. Desse modo, assume valores e a marca de escritor para escritor, o que diferencia é a modalidade inspiradora para sua produção, que focaliza principalmente na visão e a personagem surda como o centro. Segundo Karnopp (2006) a Literatura surda é a produção de forma escrita relacionada a experiências visuais traduzida, compreendendo a surdez como presença e não ausência de determinada coisa, considerando as pessoas surdas como um diferente grupo cultural e linguístico.

Nesse sentido, devemos compreender que, em nosso meio social existe uma heterogeneidade de pessoas e grupos de pessoas com suas particularidades, como o caso da comunidade surda. Podemos ver esses aspectos na obra em que a narradora autodiegética Vilhalva (2004, p. 9) diz que aprendia sempre em observação, como quando ela cita que observava sua mãe fazer bolos, mais tarde aprendeu que eram feitos com ovos. Dessa forma, reforçamos o que a autora Karnopp (2006) traz em seus estudos na citação anterior, que para

Shirley <sup>1</sup>Vilhalva a falta da audição não era necessariamente uma falta, mas sim uma forma diferente de ver o mundo.

Na obra *Despertar do Silêncio* escolhemos analisar a fundo não somente a narradora, que até este ponto já sabemos que se trata de uma narradora autodiegética, mas, indo além, podemos sugerir a presença de um singelo tempo cronológico dentro da narrativa, pois, segundo Gancho (2004, p. 15) transcorre de modo coerente com os fatos e não interfere com o desenrolar destes, pois, há uma sequência de acontecimentos naturais, como em dias, meses e anos.

Nesse sentido, podemos considerar alguns momentos que segue esse tipo de tempo, logo, podemos exemplificar com o trecho em que Vilhalva (2004, p. 36) coloca “Com o passar dos anos fui me aprimorando mais e mais mais no prazer de ler e descobrindo que na língua escrita eu era igual às demais pessoas”. É visível a sequência de dias que a narradora menciona acontecer de forma natural, como no trecho citado. Vale lembrar que isso acontece poucas vezes durante a narrativa.

No entanto, a predominância é de um tempo psicológico, haja visto que a narrativa foca principalmente nas emoções expressadas pela narradora, sem delimitar o tempo exato dos acontecimentos em grande parte da obra. Vale deixar esta ressalva em destaque confirmando a presença das duas características de tempo dentro da obra.

Para que uma obra literária de autoria surda possa ser consumida por ouvintes, antes de tudo, deve ser compreendida por estes, pois, em muitos casos a essência da obra está em seu estado original. Como mencionado anteriormente, a Literatura Surda não pode ser simplesmente definida, há nela suas complexidades, pois para Karnopp (2006), a literatura surda não deve ser entendida como algo localizado, fechado, demarcado. Ou seja, a busca pelo reconhecimento social de suas qualidades e versões de vida se fazem presentes neste conceito de produção.

Assim, a Literatura Surda segundo a autora supracitada (2006) inicialmente se faz presente entre os sujeitos, buscando o reconhecimento e um lugar digno na sociedade. (Karnopp, 2006, p. 100). A partir desse pensamento, podemos entender que a essência de obras da Literatura Surda está fortemente ligada à sua forma original, a que foi produzida pelo autor, e que através dessa primordialidade haja o reconhecimento.

---

<sup>1</sup> A Língua de Sinais é um termo geral utilizado para falar da comunicação nas comunidades surdas, no entanto, quando falamos da Língua de Sinais no Brasil, devemos chamá-la de Libras, pois esta é a língua utilizada entre os surdos residentes no Brasil.

Como observado, a Literatura Surda assume um papel fundamental na construção do sujeito surdo através de seu pensamento e expressão, bem como o sujeito surdo contribui significativamente para a literatura surda, com isso, “dando visibilidade às expressões linguísticas e artísticas advindas da experiência visual” (Karnopp, 2010, p. 164-165). Dessa forma, podemos mencionar a grande quantidade de obras literárias com um teor de escrita autobiográfica imerso na Literatura Surda, isso se dá pelo fato de que o sujeito surdo, ao lutar pela sua visibilidade e reconhecimento, assume papel de protagonista em sua escrita, relatando suas próprias vivências por meio de uma obra autobiográfica, como quando Shirley descreve um espaço, Vilhalva (2004, p. 12) “percebi que a casa de minha avó era diferente de todas as outras casas que eu conhecia, ficava sobre umas madeiras grossas e parecia um suporte ou pé de cadeira, e seu piso vibrava todas as vezes que uma pessoa andava”. Então, a partir dessa citação vemos que a narradora não faz somente uma escrita de si, mas também daquilo à sua volta, como os espaços frequentemente visitados.

Em *Despertar do Silêncio* (2004), a autora rememora suas visões do passado, relatando acontecimentos propriamente vivenciados como pessoa surda. Esse tipo de escrita que a autora utiliza faz com que o leitor compreenda a visão da narradora autodiegética Shirley ao se colocar no lugar da autora, compartilhando as dificuldades e conquistas no decorrer da narrativa. A obra *Despertar do Silêncio* (2004) é uma de muitas obras não ficcionais e autobiográficas dentro do campo da Literatura Surda. Sendo assim, segundo Sutton (2021, p.76):

é outra forma de não ficção literária [...] usam uma forma de Libras em primeiro plano para contar as histórias de suas vidas. É geralmente contada como uma narrativa e há muitas narrativas de experiências pessoais contadas em Libras. O gênero de autobiografias escritas (em português brasileiro, por exemplo) cobre um longo período da vida de uma pessoa, às vezes a vida inteira até o momento da escrita, ou um período específico como a infância.

A ficção é, portanto, o nome que se dá a uma narrativa cujo acontecimentos são criados pelo autor. Já as narrativas não ficcionais muitas vezes são as chamadas autobiografias, em que o autor relata acontecimentos de sua vida. Ambas as características são comuns na cultura surda, colocando sempre em evidência o sujeito surdo.

Ocasionalmente, a autobiografia é confundida com autoficção, no entanto, diferente da autobiografia, a autoficção foca em algumas etapas da vida do sujeito para alcançar uma profundidade no enredo. Vale mencionar também, que na autoficção alguns acontecimentos podem ser acrescidos para que o leitor tenha uma leitura mais intensa de um fato que não gerou a mesma intensidade. Ademais, a autobiografia relata as experiências vividas de forma subjetiva

a interpretação dos fatos do autor, sem acrescentar inexistência aos fatos. Vilhalva (2004, p. 11) descreve “certo dia tudo escureceu e eu não sei explicar se fiquei doente ou o que foi, só lembro que tomava muita água morna e hoje sei que deveria ser chá para amenizar a febre alta”. Neste trecho, a narradora evidencia sua subjetividade em relação ao acontecimento citado, pois, estava aquém de sua compreensão de entender o que havia acontecido de fato.

Na obra, é destacado no início do livro que, “as primeiras partes desse texto são anotações escritas durante a minha adolescência, são acontecimentos que ficaram registrados na minha memória, que sempre quis entender” Vilhalva (2004, p. 4). Dito isto, percebemos que a narradora a princípio revela que a obra se trata de uma narrativa não ficcional, e focaliza sua subjetividade sobre os fatos por ela vivenciados em uma busca na compreensão.

Mourão (2011, p. 49) diz que a Literatura surda se torna tão importante para o sujeito e a comunidade surda pelo fato de trazer consigo relatos desses sujeitos que a compõe sobre suas práticas sociais e discursivas que permeiam entre os diferentes contextos. Vale mencionar sua forte ligação com a identidade surda, pois, a partir das obras produzidas é que identificamos as ideologias e subjetividades do sujeito surdo, logo, para que se possa conhecê-lo, antes de tudo o sujeito deve se auto-(re)conhecer para dar forma a sua própria identidade.

Na Literatura Surda, Mourão (2011) afirma que as comunidades surdas não internalizam suas ações, pois também buscam o reconhecimento fora dela, em consonância com a comunidade ouvintista. Assim, a intenção não é tornar as escritas algo fechado e voltado apenas para surdos, mas sim, externalizar essa manifestação para sujeitos ouvintes, tendo em vista que, um dos objetivos da comunidade surda é buscar o reconhecimento e visibilidade na sociedade em geral. Ademais, a propagação de trabalhos produzidos por autores surdos são fundamentais para se reafirmarem na sociedade como sujeitos que possuem o saber.

Dessa forma, não pretendemos separar esses dois grupos sociais, pelo contrário, propiciar uma maior aproximação e conhecimento por parte das pessoas ouvintistas para/com a comunidade surda e sua cultura, na tentativa de desconstruir certos estigmas e reduzir as barreiras na comunicação. Outro fator importante é o de que a literatura surda não apenas pode alcançar a comunidade ouvintista, mas também proporcionar o auto-(re)conhecimento e despertar a identidade da pessoa surda, na qual, não se sintam como inferiores, apenas com um modo diferente de ver o mundo.

Segundo Karnopp (2006), quando falamos de literatura surda, devemos relacionar as histórias que priorizam a língua de sinais, a identidade e cultura fundidas na narrativa. Assim como Shirley Vilhalva vem destacar em sua obra as vivências a partir de uma evolução de sua percepção visual, que intitula o livro com a palavra “silêncio” antecedendo a palavra

“despertar”, sugerindo uma forma de resistência, assim como a conquista de sua identidade por meio da Literatura Surda.

Como visto até aqui, a Literatura Surda é um mundo de novos conhecimentos, de pensamentos e ideias diferentes, versões como a de Shirley Vilhalva são muitas vezes imperceptíveis pela sociedade, talvez pelo fator que invisibiliza esses sujeitos a serem marginalizados. Casos que nunca foram contados, sem compreensão, reconhecimento ou identidade própria. A literatura é uma porta de entrada para que esses sujeitos alcancem seus objetivos, assim como Shirley Vilhalva alcançou seu prestígio e reconhecimento dentro da sociedade, de tal forma, que fez com que o pesquisador deste trabalho o elegeisse como algo importante e exequível de ser analisado.

## 2.2 Identidade surda e auto-(re)conhecimento

Quando falamos de identidade, referimo-nos às características que definem algo ou alguém. No caso da identidade surda, ela pode se dar de forma singular para cada sujeito, não somente como algo pré-definido e fixo, mas como uma construção subjetiva ligada ao pensamento e à experiência de cada pessoa. Como analisado por Santana e Bergamo (2005, p. 567), os processos de formação da identidade desses sujeitos surdos podem se dar da seguinte forma:

A maioria dos estudos tem como base a idéia de que a identidade surda está relacionada a uma questão de uso da língua. Portanto, o uso ou não da língua de sinais seria aquilo que definiria basicamente a identidade do sujeito, identidade que só seria adquirida em contato com outro surdo.

Desse modo, os autores trazem a visão que estudiosos têm sobre os modos de construção da identidade surda, através de relações com outros sujeitos surdos brasileiros, criando um processo de interação e compartilhamento comunicativo com um objeto em comum, a Libras<sup>2</sup>, algo que se torna pouco visível na obra *Despertar do Silêncio*, pois, na maior parte da narrativa, Shirley interage com pessoas ouvintes. Como Vilhalva (2004, p. 10), relembra de um momento em que ela conheceu seu irmão, “Fui apresentada para aquele bebê e ele para mim, fiquei olhando e minha mãe disse muitas palavras que eu não entendi e repetiu o nome dele é Dario e

---

<sup>2</sup> A Libras é a abreviação da Língua Brasileira de Sinais, sendo o principal veículo de comunicação da comunidade surda brasileira. Sua existência é símbolo de esforço e conquista, pois, representa a emancipação da língua e desenvolvimento de uma identidade coletiva.

apontou para o bebê, piorou meu entendimento, Dario, Dario será que todos são chamados de Dario?”

Na citação acima, notamos que Shirley assume sua dificuldade de compreender por estar tentando fazer uma leitura labial e gestual, sem o suporte propriamente da Libras, que por sua vez é uma língua com suas estruturas específicas e solidificadas, no entanto, não podemos definir e/ou reduzir a construção identitária de um sujeito a partir das relações interpessoais, pois, há de fato uma força motriz nessas socializações, contudo, também parte do sujeito sua própria busca pela sua identidade. Vilhalva (2004, p. 17), rememora que “passava horas aprendendo palavras e mais palavras”. Shirley Vilhalva, por estar imersa entre duas culturas, passou por muitas dificuldades na aquisição e conhecimento da Libras, em vários momentos como este citado, ela está tentando aprender a ler e interpretar as pessoas ouvintes seguindo pelo caminho mais longo da apreensão. É de conhecimento, que pessoas surdas podem alterar sua identidade com o tempo, nesse momento, compreendemos a identidade de Shirley como flutuante. Segundo Perlin (2001) são os sujeitos surdos que não estiveram a serviço da comunidade ouvinte em razão da comunicação reduzida e tampouco da comunidade surda por desconhecimento da língua.

Não estamos separando as relações sociais e as percepções visuais do sujeito em polos diferentes na busca da identidade, mas sim, explicando que o processo de busca não parte somente do interpessoal, mas também do intrapessoal. Ademais, ter em mente as fases da vida da personagem narradas pela narradora autodiegética Shirley Vilhalva, como nesta etapa em que a compreendemos como sujeito surda flutuante.

Assim, podemos dizer que “no tocante a identidade surda, deve ser compreendida através das características culturais pautadas na vivência visual, sendo esta, fundamental para estruturar sua conduta identitária” (Oliveira, 2021, p. 17). Como mencionado, a visualidade se torna a principal via de aquisição do sujeito surdo, contudo, muitas vezes por não se tornar fácil essa compreensão dos outros e a compreensão dos outros sobre si, o sujeito surdo que não possui sua identidade totalmente clara, acaba por tentar oralizar na tentativa de que a pessoa ouvinte o entenda. A narradora autodiegética Vilhalva (2004, p. 13) encontra-se rodeada de dúvidas e um desejo de comunicação, nisso ela pensa: “não sabia como dizer para minha avó, eu não sabia me expressar oralmente de forma clara apenas sinalizava e soltava algumas palavras, eu precisava me comunicar”. Aqui, em suas recordações, é observado o desejo da narradora Shirley Vilhalva de ser compreendida e a dificuldade do surdo em conviver e interagir plenamente sem dificuldades.

Com isso, as percepções visuais assumem papel fundamental na vida da pessoa surda, sendo crucial também nos processos de construção da identidade, logo, devemos mencionar que, é necessário um “conjunto de características que tornam uma pessoa parte da comunidade surda ou do povo surdo, permitida principalmente pelo uso da língua de sinais” (Santana; Bergamo, 2005, p. 13). Ademais, entendemos que a inclusão ativa e efetiva desse sujeito só vai ser plenamente significativa após o conhecimento de si e aceitação. Assim, o sujeito surdo só aprende a Libras, sua primeira língua – L1, através da habilidade visual/espacial<sup>3</sup>, por isso, destacamos aqui sua importância.

Oliveira (2021, p. 22) entende que os surdos compreendem de uma forma totalmente visual/espacial, sendo esse sentido o real motivo que irá influenciar em sua identidade e cultura. Como bem argumentado, o conhecimento e reconhecimento de si, faz com que o sujeito se torne parte de algo, pois sabemos que a sociedade é composta por grupos de pessoas, tais como comunidades, e cada uma com suas peculiaridades externas, ademais, com suas similaridades internas. Vale lembrar que, a habilidade visual do sujeito surdo contribui também em seu auto-(re)conhecimento na sociedade.

Na obra, a narradora autodiegética Shirley aborda a representação da sua visão como forma de ver o mundo a sua volta e como essas imagens são lembradas na plenitude de sua subjetividade em uma forma singular ao sujeito, assim como as recordações de Shirley, podemos observar no seguinte trecho, Vilhalva (2004, p. 14) descreve “crescendo por dentro e por fora, fui entendendo melhor o mundo e que formação de mundo era feita de modo visual”. O trecho relata a experiência visual da narradora em suas descrições, Perlin (1998) evidencia que o principal fator de influência da identidade surda é, com certeza, a língua de sinais, que permite a comunicação e a interação com o mundo por meio da modalidade visual-espacial”, o autor ainda acrescenta, “livre da marginalização imposta pela modalidade oral-auditiva, como é comprovado por estudos sobre a surdez, presentes na literatura da área” (Castro, 2015, p. 19, apud Perlin, 1998). Seguindo por esta ótica, o trecho delega que, a pessoa surda com sua identidade e língua compreendida consegue interagir naturalmente como qualquer outra pessoa ouvinte através de sua língua de sinais.

Neste sentido, compreendemos que a narrativa a partir de um dado momento apresenta características de uma alteração na identidade de Shirley, neste caso, passa a descrevê-la como um sujeito surda com sua Identidade Surdas de Transição. Segundo Silva, Santos e Rosa (2016,

---

<sup>3</sup> O visual/espacial é a forma de como os sujeitos surdos leem o mundo na ausência da audição, ou seja, é a partir das leituras visuais do espaço e pessoas a sua volta que constrói e reconstrói a cognição e o entendimento do sujeito surdo.

p. 433) “estão presentes na situação dos surdos que foram mantidos sob a hegemonia da experiência ouvinte e que passam para a comunidade surda, como geralmente acontece, pois a maioria dos surdos é composta por filhos de pais ouvintes”. Isso se dá pelo fato de que ela ao nascer em uma família ouvinte, a qual não sabiam se comunicar em Libras, conseqüentemente cresce em um ambiente pouco propício para o seu desenvolvimento linguístico, bem como distante das relações culturais vivenciadas pela comunidade surda. Com isso, busca se inserir na cultura e identidade que lhe era apresentada e, somente com o contato com outros surdos, é que pode acontecer esse processo de transição.

Lembrando que, ser um sujeito surdo não se limita apenas em conhecer a si mesmo e sua cultura, pois dentro das sociedades surdas há uma pluralidade de outras culturas com seus costumes particulares, assim como é entendido com a língua portuguesa e suas diferentes variações. Na cultura surda, a língua de sinais é um termo em comum para sua existência, no entanto, a cultura vai muito além do que ter uma língua em comum (Santana; Bergamo, 2005, p. 273). Na obra em análise, a narradora Shirley Vilhalva está sempre descrevendo sua dificuldade de apreensão, pois, como teorizado, não havia uma língua ou cultura em comum que lhe fosse própria. Nisso, Vilhalva (2004, p. 14), diz que “Cada descoberta sempre leva muito tempo, (...) tudo precisava ser muito bem explicado e informado para que eu pudesse entender o que era dito”. Assim, a narradora informa a dificuldade na apreensão de informações pela modalidade que lhe é transmitida.

A identidade de Shirley Vilhalva juntamente com seu auto-(re)conhecimento amadurece quando ela percebe que a surdez é como um código umbilical, entendendo que as pessoas envolvidas se relacionam sem saber a existência da própria falta de audição. Logo, Vilhalva (2004, p. 14), compreende que “apenas elas são testemunhas da existência de uma comunicação, olhos e olhos, mente e mente, não há necessidade de falar e sim de agir”. A interação entre dois sujeitos surdos, com as mesmas dificuldades comunicativas, faz com que o sujeito surdo evolua gradativamente de forma positiva. “A língua é, neste sentido, um instrumento que serve à linguagem para criar, simbolizar e fazer circular sentido, é um processo permanência de interação social” (Santana; Bergamo, 2005, p. 572). Assim, podemos relacionar que a língua completa o sujeito para que o sujeito interaja no mundo.

Na obra *Despertar do Silêncio* a narradora autodiegética Shirley, relembra de forma detalhada os caminhos traçados por ela para que chegasse a se auto-(re)conhecer, pois a não aceitação de ser surda e a falta de conhecimento dessa situação, similar a de outros sujeitos, fez com que ela demorasse mais tempo em compreender e adquirir a sua própria identidade.

Vilhalva (2004, p. 37) comenta que a língua de sinais é completa para os surdos, sendo ela livre das imposições da língua portuguesa. A partir desta ótica, ligamos aos estudos Castro Júnior (2015, p. 12), “a língua de sinais é um artefato cultural carregado de significação social sendo assim uma das especificidades mais importantes da manifestação e produção da cultura surda”. Desse modo, Castro Júnior vem argumentar de que é a partir da língua de sinais, nesse contexto a Libras, como ponto de partida para as produções literárias, como na obra *Despertar do Silêncio* (2004), em que a autora só veio a produzir e publicar sua obra após a aquisição da identidade e conhecimento da comunidade a qual está inserida.

Como mencionado anteriormente, o sujeito surdo está sempre em uma busca incessante de sua identidade, para tanto, é necessário ter o conhecimento de sua comunidade, com isso, impulsionar seu desenvolvimento no vasto campo da comunicação em Libras. Em *Despertar do Silêncio* (2004), Shirley descreve sua incompreensão de si: “quando criança eu não sabia que era surda (parcial) por que era difícil alguém conversar comigo, se conversavam eu não ouvia mesmo, ninguém nunca me chamou atenção para eu saber se eu deveria ouvir ou não” (Vilhalva, 2004, p. 16). Com isso, identificamos o forte sentimento de desprezo pela ausência da comunicação e de enxergá-la dentro da sua singularidade como uma pessoa que pensa, que age e fala, bem como reforçamos a citação que trouxemos de Castro Júnior (2015) sobre a Libras como essencial para interação do surdo na sociedade.

Quando finalmente Shirley Vilhalva descreve seu contato com as pessoas surdas, é como se fosse uma libertação, como o despertar sugerido no título da obra produzida pela autora. “Eu tive um renascer ao estar na comunidade surda, aquele sentimento de estar só no mundo acabou e o medo das pessoas foi diminuindo” (Vilhalva, 2004, p. 37). Neste momento, Shirley deixa evidente o seu alívio em conseguir se comunicar e interagir com outras pessoas de acordo com suas particularidades, na ausência da audição. A interação e participação do sujeito surdo dentro da comunidade surda assume papel fundamental, pois, uma vez dentro, o sujeito surdo está a todo tempo atualizado de possíveis modificações em leis e políticas que favoreçam a comunidade (Junior, 2015, p. 12). Desse modo, contribui não somente para o desenvolvimento comunicativo, aprendizagem da sua história e cultura, mas também os seus direitos como cidadã.

Leguari e Santos (2016) diz que “a comunidade surda é usuária nativa da Língua de Sinais, portanto pertencer a qualquer comunidade significa enfrentar: tensão, aconchego, desafios, conforto e vigilância” (Leguari; Santos, 2016, p. 32). Na obra, podemos notar a felicidade da narradora Shirley Vilhalva através da leveza na escrita, realçando novamente o alívio de encontrar mais pessoas com as mesmas condições e que a compreenda.

Durante a narrativa dos acontecimentos após a sua compreensão da existência de grupos surdos, e no processo da construção de sua própria identidade, Shirley demonstra um certo amadurecimento, o que nos faz imaginar a grande influência que a Libras pode proporcionar para o sujeito surdo, assim como fazer com que o indivíduo aprenda e compreenda com mais facilidade.

Vilhalva (2004, p. 38) considera que “antes de aprender a Língua de Sinais, eu sabia muitas palavras, só que elas não tinham sentido para o uso no cotidiano. Sempre perguntando como é? O que é? Por que não é? Como você responde?”. Pensando nisso, segundo Strobel (2013) a língua de sinais não deve ser compreendida através das significações da língua portuguesa, pois a língua de sinais tem a sua própria gramática, ou seja, diferente da língua oralizada.

Em recorte, trazemos uma citação a qual corresponde ao momento de solidificação como surda. “Vencendo barreiras, a maior era a minha auto-aceitação, pois passei a conviver com os outros surdos aceitando com mais facilidade a minha necessidade em usar Língua de Sinais e não sendo apenas mais uma pessoa no auditório” (Vilhalva, 2004, p. 59). O trecho delega a identidade da personagem de forma clara, a partir de sua autoaceitação, e a sua vontade de ser alguém que contribui na história, negando ser uma telespectadora das situações.

Concluindo este tópico, acrescentamos que a língua de sinais assim como a língua portuguesa, é inerente ao ser após sua aquisição, de tal forma que só tem a evoluir e aprofundar dentro de suas funções sociais. Na citação da obra de Shirley Vilhalva que trouxemos anteriormente, evidencia a busca do sujeito surdo por essa conquista, assim como a narradora descreve em suas lembranças.

### **3 MEIO SOCIAL: SHIRLEY VILHALVA E O ROMPIMENTO COM O SILÊNCIO**

No presente capítulo, iremos discutir as questões sociais do sujeito surdo em suas áreas de atuação e participação, como na família, escola, faculdade e trabalho; ademais, voltar a pesquisa para a narradora e personagem Shirley Vilhalva, discutindo os fatores que a estereotipam na obra *Despertar do Silêncio* (2004), como também as conquistas através da persistência em um ambiente propício para aceitar as condições impostas pela sociedade.

É importante destacar que a construção de sua identidade se tornou algo imprescindível para uma melhor relação social, longe da ingenuidade fomentada por atos sociais que afetam as minorias sociais, impondo estigmas e rótulos imutáveis no pensamento de quem os considera. No entanto, o contato com a sua comunidade proporciona tanto a capacidade participativa quanto a autônoma, não apenas a Shirley Vilhalva, mas a todos os sujeitos surdos no geral.

Portanto, os seguintes tópicos irão analisar Shirley Vilhalva como exemplo na aquisição de sua identidade e na construção do seu “eu social” através de lutas e conquistas vivenciados pela autora e narradora autodiegética na obra *Despertar do Silêncio* (2004), rompendo os rótulos e estigmas que a sociedade impõe.

#### **3.1 “De que adianta falar com eles se eles nem ligam para mim?”: o processo de construção das relações sociais**

A comunicação se faz necessária na vida de todos os seres vivos, isso é biologicamente comprovado. Direcionando esse pensamento para os seres humanos, torna-se ainda mais relevante essa interação, já que somos criaturas sociáveis, dependentes disso. Portanto, iremos discutir as relações em sociedade que Shirley Vilhalva compartilha a partir de sua experiência visual, na perspectiva surda.

A construção das relações sociais entre os surdos e os ouvintes começa desde cedo, com suas primeiras interações com a família, assim, “o que determina e sustenta a família é a qualidade de suas interações” (Nunes, 2010, p. 9). Em *Despertar do Silêncio* a narradora autodiegética Shirley Vilhalva conta com uma singela importância da família no seu desenvolvimento, pois, a partir de suas interações e percepções visuais, ela conseguia traçar relações com sua compreensão subjetiva, apesar de sua família ser ouvinte. Este contexto precisa estar correlacionado com um outro, no caso, a escola na qual devem estar alinhados para um objetivo comum, o desenvolvimento do saber. Por meio de uma mescla de

conhecimentos e preparação do sujeito, Nunes (2010) faz a relação da escola e a família corroborando com o desenvolvimento do sujeito surdo na sociedade, nesse caso:

A família neste processo tem um papel fundamental como principal detentora dos conhecimentos acerca de seu filho, nosso aluno. Em contra partida, a escola detém os mecanismos pedagógicos, possíveis para o desenvolvimento desta criança. Partindo desta idéia, família e escola se complementam, e necessitam caminharem juntas, para alcançar um único objetivo, que é a formação de um cidadão consciente de seus direitos e deveres e com autonomia para exercê-los (Nunes, 2010, p. 16).

Nisso, podemos observar a importância da participação e a boa interação do sujeito surdo em ambos os ambientes. Na obra, Shirley Vilhalva assume sua indignação quando diz: “eu ficava intrigada e imaginando por que na minha casa as pessoas falava mais com o papagaio do que comigo” (Vilhalva, 2004, p. 13), esse pensamento nos faz refletir profundamente sobre a realidade do sujeito surdo, pois, algo simples para ela, que seria a interação com o outro, não era favorecido nem dentro de seu ambiente familiar.

Ainda sobre esse ponto, a narradora enfatiza em outro trecho que “em casa, meus familiares pouco conversavam, mas quando eles falavam de frente apontando o que eles falavam eu entendia” (Vilhalva, 2004, p. 16). Essa maneira, aqui percebemos mais a presença de uma linguagem gestual/caseira do que propriamente a língua de sinais, estratégias utilizadas com frequência para se comunicar o básico dentro desses contextos. Seus familiares não a evitavam por estereotipá-la, mas sim por não saber se comunicar, isso só reforça a ideia do sujeito surdo que nasce em uma família ouvinte, causa dificuldades na construção de sua identidade e das relações sociais por estar entre ambas as comunidades, pois culturas diferentes possuem seus próprios meios de desenvolvimento.

Desse modo, entramos na questão do sujeito surdo que nasce dentro de um grupo familiar composto somente por pessoas ouvintes. “A ausência de audição marca a relação entre pais ouvintes e filho surdo, pois eles não compartilham naturalmente de uma mesma língua” (Bremm; Bisol, 2008, p. 276). Como é o caso de Shirley em *Despertar do Silêncio* (2004), marcado pela imersão numa cultura diferente da própria e a sua indagação no que concerne à socialização familiar.

Contudo, as relações da narradora autodiegética vão além dos contextos que já citamos, ela também destaca em sua narrativa a relação com os amigos, que assim como a família, também assumem papel fundamental no que concerne ao desenvolvimento do sujeito surdo, principalmente se dentro desse grupo social entre amigos contemple outros sujeitos surdos,

havendo assim uma troca de conhecimentos. À frente, discorreremos sobre relação de amizade descritos pela narradora.

No decorrer da narrativa, a narradora autodiegética menciona uma de suas amigas mais importantes no que se refere à construção de suas relações sociais. “Ângela, que era uma prima-irmã, irmã de leite, irmã de idade e irmã de comunicação, ela era como meus ouvidos, morávamos juntas, e ela ajudava no sentido que eu entendesse outras pessoas” (Vilhalva, 2004, p. 19). Na obra, Shirley Vilhalva destaca a positiva colaboração Ângela em tentar fazer com que Shirley compreendesse o que outras pessoas falavam, mesmo Ângela sendo uma ouvinte.

Salazar (2018, p. 13) diz que amigos assumem papel fundamental na vida do indivíduo surdo, contudo, é necessário analisar suas relações interpessoais escolares para ter ciência dos grupos o qual pertence. Assim, partimos da premissa de que o surdo, para que consiga ter melhor desenvolvimento é necessária uma boa base de relações, mesmo que não seja necessariamente composta apenas de pessoas surdas, mas sim tudo aquilo que inclui seu meio social, como: família, amigos e escola. Dessa forma comenta, “quem sabe um dia ainda nos entenderemos dialogicamente” (Vilhalva, 2004, p. 20). Reflete Shirley Vilhalva sobre sua condição dentro de seu grupo familiar, ansiando por um diálogo interativo, o que nos leva a notar sua forte persistência na busca da socialização para além da compreensão.

Essas relações, quando interligadas, podem assumir papéis motivadores e cruciais na vida da pessoa com surdez. No entanto, quando não há uma socialização com a família e com amigos, o desenvolvimento pode ser afetado. Isso pode gerar em desistências no ambiente escolar, isolamento do sujeito em suas relações sociais e afins.

Já em relação ao ambiente escolar, o qual mencionamos no capítulo introdutório para este tópico, apresentamos alguns momentos de práticas de silenciamento que a personagem Shirley vivenciou. Assim Muitas vezes meus colegas não me aceitavam porque tinham receio que a surdez pegasse como uma doença contagiosa, com medo de falar comigo, acreditando que eu não iria entender” (Vilhalva, 2004, p. 22). Nesta citação, podemos considerar que em grande maioria a pessoa surda só pode ser compreendida por outra – pessoas da modalidade oral/auditiva desconhecem a modalidade visual/espacial; tratando tão somente como deficiência. É como ler a capa de um livro e julgá-lo sem conhecer o seu conteúdo interno.

Bremm e Bisol (2008); vem tratar das questões sociais na amizade entre surdos e a sua contribuição na vida desses indivíduos. Amigos e colegas surdos passam a ter uma relação mais interativa, diferentemente da relação com ouvintes, pois; não haverá distinções que denote uma deficiência. Com isso, ligamos à citação anterior da obra em análise, no qual foi mencionado a exclusão social dos colegas de sala de Shirley, o que denota uma antítese com a citação trazida

por Bremm e Bisol (2008), pois, houve basicamente o contrário. Mas e se tivesse acontecido ao contrário naquele período da narrativa? Se seus colegas de sala a tivesse aceitado e socializado com ela, seria diferente? Em resposta é sim, pois bem como fundamentamos, o desenvolvimento do sujeito pessoa passa por esse processo de aceitação de si e dos outros sobre ele, como citado anteriormente.

No mundo visual dos surdos, as relações sociais se tornam mais difíceis, tendo em vista os poucos sujeitos surdos presentes no mesmo ambiente, como também os estereótipos criados por pessoas ouvintes, “sem entender muito bem, acabava aceitando as imposições” (Vilhalva, 2004, p. 23). Neste trecho, a narradora deixa a entender que os rótulos criados por seus amigos de escola, fazia com que ela aceitasse as imposições, corroborando para um silenciamento do sujeito e conseqüentemente acarretando na exclusão de Shirley Vilhalva.

Em recorte, a visualidade do sujeito surdo e a falta de audição, cria um tipo de individual coletivo, pois reúne diversas realidades em um único grupo, a comunidade surda. Shirley Vilhalva a todo tempo buscava pessoas assim como ela, a partir de seu conhecimento de si. Vilhalva (2004) diz que via a necessidade de encontrar pessoas como ela em uma escola. Assim, ligamos ao efeito positivo dessa interação, segundo Salazar (2018) essa relação pode ser positiva quando é iniciado um processo de um ajudar ao outro em seu desenvolvimento. Até o atual ponto desta pesquisa, a narradora autodiegética menciona em maioria a exclusão social e a falta de interação com pessoas ouvintes, no entanto, mais à frente iremos discutir uma melhor relação entre Shirley e outros sujeitos surdos.

Um ponto interessante na obra *Despertar do Silêncio*, é o momento em que Shirley Vilhalva vai a São Paulo e descreve a sua experiência visual da grande metrópole, comparando em alguns momentos com características inversas de sua terra natal. “Cidade acabada, sem conforto nem amigos, sem ninguém...” (Vilhalva, 2004, p. 35). É nítido o desconforto de Shirley na ausência de rostos familiares em seus dias em São Paulo, além do mais, a agitação urbana da cidade faz com que ela sinta mais vontade de voltar para casa. Como é apresentado no seguinte trecho: “Os movimentos dos carros, ônibus, motos, tudo correndo, sem pausa. Não tem felicidade, um Mato Grosso indo para lá. Sua diferença e muito, em M.T.S tem paz e tranqüilidade, São Paulo é apenas correria” (Vilhalva, 2004, p. 35).

Nesse sentido, a grande quantidade de informações da correria numa cidade grande registradas visualmente por Shirley, faz com que ela se sinta sufocada, pois, no lugar de sua infância a natureza e a paz transmitida eram mais fáceis de assimilar. Logo, como discutimos anteriormente, a captação de informações do sujeito surdo acontece através da visão, ademais, se este sentido recebe muitas informações, extrapola o senso visual do sujeito, principalmente

para aqueles inexperientes nesses contextos. Vale lembrar que, nesse momento em que a narradora descreve sua passagem pela grande metrópole, deixa evidente a falta de seus amigos, com isto, assimilamos um certo apego social, em que nesta fase a personagem ainda dependia de sua amiga Ângela para a ajudá-la de forma comunicativa, pois ela ainda utilizava muito da linguagem gestual.

Como vimos até aqui, o processo da construção das relações sociais do sujeito surdo influencia diretamente nos fatores que favorecem o bom desenvolvimento desses sujeitos. Vale lembrar que, o que diferencia a pessoa surda da ouvinte é apenas a capacidade auditiva, no entanto, as subjetividades do pensamento e o desenvolvimento pessoal, tais como identitários e culturais permanecem singular a cada sujeito. Dessa forma, fortalecemos a ideia de uma sociedade mais igualitária e inclusiva, respeitando as especificidades de cada ser, e que a partir da persistência, ambos consigam os mesmos resultados.

### **3.2 O estigma “Não sei para que ela estuda se é surda” e a superação através da persistência**

Muitos são os estigmas e rótulos direcionados a diversos sujeitos, por apresentar uma característica contrária do que é considerado “perfeito” e “ideal” para a sociedade. Em grande parte, os mais afetados são os grupos minoritários, como por exemplo a sociedade surda, por ser muitas vezes marginalizada e fora dos “padrões adequados”. Pensamentos arcaicos como este prejudicam o desenvolvimento não apenas social, mas de todo um país, que por ignorância perde esses profissionais invisibilizados.

Este tópico irá se deter em relacionar com as práticas sociais de Shirley, bem como seu desenvolvimento dentro da academia, pois, entendemos que é nesse ponto em que a narradora descreve uma melhor relação social, vislumbrando a sua visualidade como ponte para as conquistas, autorrealização e auto-(re)conhecimento como sujeito.

Começamos falando antes de sua chegada na academia, pois, nos deparamos com um clima mais favorável para seu desenvolvimento como pessoa surda. No entanto, de início Shirley Vilhalva relata a sua dificuldade de se socializar, tendo receio de não ser vista, como também o medo de não conseguir se comunicar com os colegas. Vilhalva (2004) rememora seu contato com a sala de aula, ambiente novo e a nível superior. É evidente as marcas traumatizantes que moldaram Shirley a agir dessa forma, pois, sua relação antes de ingressar em uma universidade era construída por apenas alguns amigos que a entendia, no entanto, em muitas ocasiões, a narradora destaca sua invisibilização social.

Assim, segundo Silva, Santos e Rosa (2016, p. 437), “a inclusão ainda é um processo permeado de contradições que inviabilizam o desenvolvimento pleno dos surdos, pois ainda os mantém submetidos ao conceito excludente da deficiência”. Ademais, a obra em análise relata bem os aspectos que delegam a exclusão através de Shirley Vilhalva, contudo, o motivo de suas atitudes ser de forma reservada, realça acontecimentos em experiências passadas. Vejamos a seguinte citação em que Shirley participa de suas primeiras ações dentro da universidade, Vilhalva (2004, p. 40), comenta que na montagem de grupos de pesquisa não se oferecia para estar em grupos de outros colegas, nisso, foi necessário a professora criar uma estratégia metodológica para que inserisse Shirley nas atividades.

Esta paráfrase faz ponte com a teorização anterior que trouxemos de Silva, Santos e Rosa (2016), pois, denota a exclusão do sujeito surdo, fomentando o desaceleramento de seu pleno desenvolvimento, tendo em vista que, o sujeito surdo não deve ser distanciado do que é considerado humano, pois, todos os sujeitos têm suas subjetividades de pensamento, assim como seu desenvolvimento.

No decorrer da narrativa, a convivência de Shirley com os colegas de sua sala por meio de grupos de pesquisas, como dito anteriormente, fizeram com que mais pessoas que compartilhavam de outras experiências de vida criassem um filtro daqueles que já sofreram por algum tipo de dificuldade ou exclusão em suas vidas. Vejamos o trecho a seguir, Vilhalva (2004, p. 40):

No final das escolhas de grupo, eu acabei participando o semestre juntamente com um grupo de colegas em que tivemos muitas afinidade ao decorrer da faculdade, Dina como era conhecida tem Deficiência Física, cadeirante, Ácacia Milhomem que trabalhava com Deficiência Mental, Cibelle Rabelo a quem eu considerava superdotada, Neuza e Margareth que equilibravam o grupo com suas atitudes calmas e eu surda. Esse grupo foi maravilhoso

Em análise desse trecho, notamos um certo tipo de conforto que a autora narradora vem destacar, pois, é na interação com esses sujeitos e suas especificidades que Shirley relaciona com sua luta, ou seja, é a partir dessa semelhança que ela inicia ali uma conexão emocional. Ademais, essas relações fizeram com que o sentimento de solidão se esvaísse aos poucos.

Em parte, os aspectos de uma identidade surda estabelecida preenchiam Shirley aos poucos, assim como ela contribui na sua luta, desde sua passagem pela academia. Vale mencionar que no decorrer de seu período na universidade, Shirley não teve muito contato com sujeitos surdos, mas só o fato de estar inserida academicamente, fez com que ela tivesse o contato com pessoas que lutavam pelos direitos dos surdos, bem como conhecesse outros surdos

na participação em cursos voltados para estes sujeitos. Com isso, moldando sua identidade na interação e convivência.

Segundo Silva, Santos e Rosa (2016, p. 432) “é lícito afirmar que esses sujeitos, quando encontram os seus semelhantes, consideram-se como numa família e constituem os grupos ou agrupamentos de surdos”. Como bem citado, é comum sujeitos surdos criarem laços quase que de modo familiar com outros sujeitos similares a si, como o caso que a narradora autodiegética Shirley vem descrever; isso pode se dar pelo fato de se encontrar poucos sujeitos surdos na sociedade, como também a escassez de comunicação vivenciados desde a infância, então, quando encontram seus pares, pessoas que experimentam na pele as mesmas causas, gera um sentimento familiar.

Com o crescimento acadêmico de Shirley Vilhalva, a narradora autodiegética anuncia sua formação, pois enfim, “chegou a hora da formatura” (Vilhalva, 2004, p. 42). Nesta etapa foi um divisor de águas, pois, a narradora conta como foi sua experiência visual de uma cena marcante para sua vida, algo que quebrou todos os protocolos cerimoniais populares.

Vilhalva (2004, p. 43) descreve o momento de receber seu diploma, e em gesto de afeto pela personagem, seus colegas todos vibrando com as mãos para o ar, como acontece na cultura surda. Diante disso, podemos notar que Shirley Vilhalva apesar da ausência auditiva, fora dos padrões sociais, conseguiu realizar seu sonho, criando uma antítese com os julgamentos de pessoas que duvidaram de sua capacidade.

Após a conquista de seu diploma, motivada pelo desejo de ajudar outras pessoas surdas, assim como Shirley, a narradora descreve sua visita à uma aldeia indígena, acompanhada de sua amiga surda. Vilhalva (2004, p. 44) relembra:

Lá conheci outra cultura e também a existência de índio surdo. Estar na aldeia me fez compreender melhor o que estava escrito nos livros de histórias dos quais eu estudava na escola. Outras aldeias que eram próximas e visitamos também, a diferença cultural era muito por serem aldeias tão próximas, Xavante e Bororó

Neste trecho, Shirley Vilhalva narra com um teor simbólico para si a presença naquele local, pois, ali ela percebe a pluralidade social, assim como a presença de outros povos que comumente já são estereotipados pela sociedade por suas tradições e cultura, além da surdez. Neste momento, Shirley Vilhalva percebe que, assim como os costumes existentes na comunidade surda, ali naquela aldeia também seguia suas tradições e costumes. Vale mencionar que:

Para que o surdo possa reconhecer sua identidade surda é importante que ele estabeleça o contato com a comunidade surda, para que realize sua identificação com a cultura, os costumes, a língua e, principalmente, a diferença de sua condição. Por intermédio das relações sociais, o sujeito tem possibilidade de aceção e representação de si próprio e do mundo, definindo suas características e seu comportamento diante dessas vivências sociais (Dizeu; Caporali, 2005, p. 593).

Nesse sentido, a partir desse trecho podemos refletir os motivos que levaram a personagem Shirley a tomar conhecimento de uma aldeia indígena. Os principais pontos podem ser a similaridade na relevância social de ambas as comunidades, como também a presença de indígenas surdos dentro daquela aldeia. Assim, a comunidade proporciona ao sujeito surdo conhecimentos gerais, sem restrições. A busca de novos conhecimentos a partir de socialização com outras comunidades fortalecem não só a identidade do sujeito, mas os laços entre comunidades diferentes.

Em *Despertar do Silêncio*, podemos discutir os fatores que buscam testar as capacidades do sujeito surdo em assumir determinada função na sociedade em relação à perspectiva do capacitismo, porém, este não é o alvo de nossa pesquisa. No entanto, devemos criar pontes por esta ótica, logo, as relações da construção do sujeito surdo também partem de suas funções sociais, nisto, “o trabalho não é apenas um meio de sustento, uma forma de uma inserção na sociedade, mas antes de tudo uma maneira de ter uma autoestima elevada sentindo-se útil, o ser humano cuidando do seu bem estar” (Pereira, 2014, p. 24). Assim, entendemos ser significativo por promover ao surdo, autonomia e o sentimento de inserção na sociedade como qualquer cidadão.

De acordo com a citação de Pereira (2014), relacionamos com um momento em particular da narrativa, o momento em que Shirley assume seu primeiro trabalho, em que ela demonstra sua satisfação por estar realizando seu sonho de criança. A participação ativa em alguma atividade social credencia a autoestima do sujeito por estar contribuindo para algo, mesmo que para Shirley fosse apenas um trabalho voluntário.

Para compreendermos melhor, segundo Perlin (2001) é uma quebra de estereótipos, uma vez que luta pela legitimidade de experiências surdas, combatendo teorias de controle social voltadas à comunidade surda. Com isso, fazemos ponte com o capítulo dois de nossa pesquisa, uma vez que evidenciamos que partindo do ponto em que a narradora Shirley assume papel fundamental no desenvolvimento não só de si, mas também da comunidade surda, permite um aceite de sua identidade e se auto-(re)conheça, pois segundo Sousa e Santos (2018, p. 7) a experiência de estar inserida dentro da comunidade surda tem forte valor colaborativo na construção social e identitária do sujeito surdo.

Vilhalva (2004, p. 60), reconta, “apresentei projetos que visavam beneficiar o surdo no Ensino Regular com apoio de um intérprete”. Em análise ao trecho, notamos um amadurecimento que a narradora destaca na participação de Shirley em reuniões, palestras, e em atividades cujo único interesse é o crescimento da comunidade surda e o reconhecimento das pessoas ouvintes. Shirley deixa bem claro uma identidade amadurecida, e que através da persistência, adquiriu seu espaço na sociedade.

Em recorte, segundo Dizeu e Caporali (2005) o sujeito a partir da aquisição de sua língua consegue se desenvolver plenamente, interagindo e contribuindo para a sua cultura. Como podemos observar, nesta pesquisa científica em que vislumbramos a evolução da narradora e personagem Shirley Vilhalva, disseminando o conhecimento a outros sujeitos surdos e lutado para que estes, não tenham as mesmas dificuldades, ou que pelo menos diminua.

Com isso, chegamos ao fim deste capítulo, o qual discutimos os processos da construção social do sujeito surdo através de suas vivências com uma experiência visual, como também buscamos apresentar a realidade do sujeito surdo e os estigmas a serem rompidos numa perspectiva oposta aos padrões sociais. Shirley Vilhalva, autora, narradora e protagonista da obra *Despertar do Silêncio* (2004) é um exemplo de superação e resistência. “E, continuar lutando...” (Vilhalva, 2004, p. 63), não só numa perspectiva individual, mas coletiva.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa científica possibilitou entender *As Percepções Visuais e o Auto-(re)conhecimento da Narradora Autodiegética na Obra Despertar do Silêncio de Shirley Vilhalva*, tema este que nos motivou a compreender melhor o sujeito surdo na perspectiva de Shirley Vilhalva, autora, narradora e personagem da obra. Em suma, a obra fez com que o pesquisador encontrasse lacunas dentro do próprio *campus* de formação, que até o momento, encontrava-se sem trabalhos na área da literatura surda. No entanto, este estudo vai muito além de uma mera pesquisa, pois ao analisarmos uma obra literária dentro do campo da comunidade surda estaremos aproximando as duas áreas, Letras Português e a Libras, ademais, contribuindo para a popularização de seus referidos autores e obras, como também, agregando na diversificação de pesquisas científicas

Partindo para nossos pontos norteadores, relembramos nosso problema de pesquisa, em que destacamos a dificuldade do sujeito surdo em se adaptar e interagir ativamente na sociedade sem o conhecimento de sua própria língua. Assim, um sujeito surdo que está inserido unicamente na comunidade oral/auditiva, terá mais dificuldades de se desenvolver do que um sujeito que tem o contato com a sua comunidade surda, dessa forma facilitando a busca e a construção da sua identidade. Com base nisso, analisamos a narrativa de modo que segue uma ordem cronológica, pois, partimos desde suas interações na infância, até suas conquistas ao fim da narrativa, o fato de ser uma pessoa surda, foi estereotipada durante suas relações sociais.

Vale lembrar que, com base no explorado, esta pesquisa atendeu aos moldes do problema sugerido em um primeiro momento, tendo em vista que a análise partiu do presente problema a ser trabalhado, logo, vimos que o sujeito surdo realmente se torna estereotipado e excluído pela sociedade em muitas situações, como por exemplo nos ambientes de ensino e trabalho, principalmente quando não há o conhecimento de sua cultura, identidade e língua.

Já se tratando do nosso objetivo central, buscamos investigar as percepções visuais e o desenvolvimento de uma pessoa surda através da obra de Literatura Surda *Despertar do Silêncio* com a narradora autodiegética Shirley Vilhalva. Nesse ponto, podemos confirmar que nosso objetivo foi atingido, pois através dele conseguimos compreender o desenvolvimento e o mundo visual do sujeito surdo na perspectiva de Shirley Vilhalva.

Em específico, nos norteamos através de três (a, b, c) objetivos específicos. Sendo eles: a) Analisar a importância da Literatura Surda por meio de uma escrita autobiográfica em que o sujeito surdo se torna protagonista contribuindo para construção de sua identidade; b) Identificar o processo identitário de Shirley Vilhalva a partir de descrições visuais de sua

infância e as relações interpessoais vividas na obra *Despertar do Silêncio*; e c) Compreender os motivos que levaram Shirley a se auto-(re)conhecer como sujeito surda no decorrer da obra e quais melhorias foram obtidas a partir desse auto-(re)conhecimento que reverbera na comunidade surda. Ademais, podemos considerar estes objetivos previamente estabelecidos atingidos, uma vez que, de forma exequível conseguimos comprovar estes três requisitos de análise em nosso desenvolvimento.

Em recapitulação, por meio desta pesquisa propomos analisar a narradora e personagem da obra *Despertar do Silêncio* (2004) da autora Shirley Vilhalva, por meio de suas percepções visuais na busca de seu auto-(re)conhecimento e realização pessoal e social. Em que discutimos as questões literárias, dessa forma, relacionando sua escrita com teorias de uma escrita autobiográfica em um momento literário de análise. Apresentamos a aquisição de sua identidade, como também os processos de construção social de Shirley, dialogando com a realidade de muitos outros sujeitos surdos através da narradora autodiegética na pesquisa realizada; ademais, debatemos sobre os estigmas e rótulos impostos pela sociedade no que refere-se às pessoas surdas.

A narradora tece uma narrativa cujo principal objetivo é relatar e tornar compreensível aos olhos de quem ler a realidade e vida do sujeito surdo explorando também seu desenvolvimento como sujeito surda; ademais, as percepções visuais da narradora personagem cria um tipo de visão quase que de forma cinematográfica na mente do leitor, tendo em vista a riqueza em detalhes descritos através da sua visualidade.

Obras como *Despertar do Silêncio* (2004), como bem desenvolvido anteriormente, se aproxima de narrativas autobiográficas, pois na literatura da área, é comum este tipo de narrativa, tornando o personagem principal a si mesmo. E isso é totalmente explicável, pois, obras dentro da Literatura Surda utilizam dessa escrita, ou seja, quase que de forma cultural esse tipo textual. Contudo, há também outras obras que relatam a história de outros personagens sem ser propriamente o autor, logo, muitas vezes o personagem passa por um processo de adaptação, se tornando um sujeito surdo ao invés de ouvinte.

Na obra, vimos que a narradora Shirley Vilhalva relembra de sua história de vida de forma cronológica, deixando no fim do livro os acontecimentos sucedidos de forma progressiva, tendo uma ordem lógica temporal, sem interferência no desenrolar da narrativa, o que nos remete a um tempo cronológico, sempre utilizando marcações de tempo como dia, mês e ano.

Também explicamos que a obra não se distancia de uma autoficção, pois, assim como explicamos anteriormente, se trata da visão da narradora autodiegética sobre o seu passado, logo, partindo da subjetividade interpretativa dos fatos acontecidos. Apesar de estar a mercê da

compreensão subjetiva da narradora, há ainda um grau de veracidade dos fatos, sem ser acrescentado recursos que deixem o texto mais emocional ou exclamativo.

A narradora autodiegética Shirley Vilhalva retoma acontecimentos de sua vida, desde a infância, a solidificação de sua identidade e as conquistas alcançadas a partir de seu auto-(re)conhecimento. Ao fim da leitura, notamos que a comunidade surda é crucial na vida do sujeito surdo, um complemento do individual para o social e do social para o individual.

Nesta pesquisa, também exploramos as relações sociais do sujeito surdo e sua construção identitária, sendo eles na relação de Shirley com pessoas ouvintes, com o seu meio social (familiar, escolar, acadêmico e trabalho). Analisamos também a vida social da personagem Shirley em suas interações com outros sujeitos surdos e o seu progresso na busca pela sua identidade surda a partir deste contato.

Além dos pontos norteadores descritos anteriormente, também destacamos nossas questões de pesquisa seguidas de nossas hipóteses: como a Literatura Surda pode contribuir para a criação da identidade surda numa perspectiva de obras autobiográficas? Diante este questionamento, traçamos a seguinte hipótese: a Literatura Surda na perspectiva de construção do sujeito surdo pode gerar um prognóstico positivo, tendo em vista o protagonismo do indivíduo surdo em sua própria obra. Em suma, confirmamos nossa resposta prévia com o resultado de que sim, a Literatura Surda contribui bastante no que se refere à construção identitária do sujeito surdo, tendo em vista seu contato com a comunidade surda, como o caso de Shirley Vilhalva percorrido nesta pesquisa.

Como segunda questão de pesquisa, indagamos: de que forma a narradora autodiegética Shirley Vilhalva descreve sua ótica sobre as pessoas que estão em sua volta numa perspectiva interpessoal? Em resposta, consideramos que a visualidade da narradora autodiegética nos ajuda a compreender que o principal meio de aquisição do conhecimento do sujeito surdo é a sua visão. Considerando o exposto nesta pesquisa e dialogando com a nossa segunda hipótese.

Por fim, discutimos os resultados de nossa última questão, em que interrogamos: Quais motivos levaram Shirley Vilhalva a se auto-reconhecer como sujeito surdo e as relações deste ato com a comunidade surda? E a resposta para isso foi identificada através de sua visualidade e auto-(re)conhecimento, ou seja, partiu primordialmente de si e das suas percepções visuais, tendo em vista que a busca incessante pela comunicação levou Shirley Vilhalva a buscar sempre o conhecimento, até que em atos de resistência e apoio familiar, junta-se à comunidade surda, como mencionamos previamente em nossas hipóteses.

A metodologia aplicada para materialização desta pesquisa atingiu as expectativas, no entanto, alguns pontos no capítulo dois (2) foram brevemente extrapolados em relação ao

recorte temático anteriormente delimitado, contudo, em razão de uma melhor explicação dos pontos abordados em forma de exemplo. Vale mencionar que é imprescindível o resgate de novos conhecimentos que agreguem na pesquisa em questão.

Ao término desta pesquisa, o pesquisador compreendeu em metáfora o pico da ponta de um iceberg da visão, vida e realidade de um sujeito surdo a partir de suas descrições, vale mencionar que os resultados desta pesquisa foram equivalentes aos objetivos pré-estabelecidos, pois percebemos que a visualidade junto a escassez de interação serviram como força motriz para a evolução de Shirley Vilhalva – e isso torna-se mais plausível quando analisamos uma obra de autoria surda que reconta o passo a passo dessa evolução; não sendo reduzido apenas a um prognóstico, mas sim como um fator crucial na vida de Shirley Vilhalva.

Destacamos que não foi possível adentrar de modo aprofundado nos estudos sobre as divergências entre autobiografia e autoficção, tendo em vista o foco e recorte temático delimitado. Isso vale para os estudos Foucaultianos sobre a escrita de si de modo a ser aplicado nos tópicos de análise, porém deixamos subentendido em entrelinhas, o que reforça a continuidade desta pesquisa futuramente.

Percebemos que as percepções visuais da narradora autodiegética Shirley Vilhalva cumpriram o seu papel no que concerne ao aprendizado do indivíduo surdo, mas não delimitado apenas a isso, pois, em exemplo da obra *Despertar do Silêncio* (2004), notamos que apesar da privação do sentido da audição, Shirley Vilhalva não se acomodou e através da Literatura Surda sua história de vida se eterniza.

## REFERÊNCIAS

- BREMM, E. S. & C. A. (2008). Sinalizando a adolescência: narrativas de adolescentes surdos. *Psicologia Ciência e Profissão*, 28(2), 272-287. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S1414-98932008000200005>.
- CASTRO, G. D. Jr. (2015). **Cultura surda e identidade: estratégias de empoderamento na constituição do sujeito surdo**. Educação de surdos: formação, estratégias e prática docente. Ilhéus: Ed. Editus, 11-26.
- DIZEU, Liliane Correia Toscano de Brito; CAPORALI, Sueli Aparecida. **A língua de sinais constituindo o surdo como sujeito**. Educ. Soc., Campinas, v. 26, n. 91, p. 583-597, Aug. 2005. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0101-73302005000200014&Ing=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-73302005000200014&Ing=en&nrm=iso). Acesso em: 20 nov. 2024.
- DURÃO, F. A. (2015). **Reflexões sobre a metodologia de pesquisa nos estudos literários**. DELTA: Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada, 31(n. esp.), 377-390. Disponível em: [SciELO - Brasil - Reflexões sobre a metodologia de pesquisa nos estudos literários Reflexões sobre a metodologia de pesquisa nos estudos literários](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-73302015000200014&Ing=en&nrm=iso). Acesso em: 20 nov. 2024.
- GANCHO, C. V. (1991). **Como analisar narrativas**. 7. ed. São Paulo: Ática, 2004.
- GIL, A. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo, Editora Atlas S.A, 4ª edição, 2002.
- GÓES, M. C. R. (1999). **Subjetividade, linguagem e inserção social: examinando processos de sujeitos surdos**. *Revista de Ciências Humanas*, 1, 43-59.
- KARNOPP, L. B. Produções culturais de surdos: análise da literatura surda. **Cadernos de Educação** (UFPEL), v. 19, p. 155-174, 2010.
- KARNOPP, Lodenir Becker. **Literatura Surda**. EDT. Educação Temática Digital, v. 7, p. 98-109, 2006.
- LEGUARI, Daniela Holem; SANTOS, Gisele Minozzo dos. **Literatura Surda como recurso na construção da identidade surda**, pp. 30–50. In.: SALVADOR, Janice Aparecida de Souza et al. (orgs.). Estudos e reflexões sobre Língua Brasileira de Sinais. Paraná: FASUL Editora. 2016.
- MARCONI, M. A; LAKATOS, E. M. **Fundamentos de metodologia científica**. São Paulo, SP: Atlas, ed. 5, 2003.
- MOURÃO, Cláudio. **Literatura surda: produções culturais de surdos em língua de sinais**. In: KARNOPP, Lodenir; KLEIN, Madalena; LUNARDI-LAZZARIN (Orgs.). *Cultura Surda na contemporaneidade: negociações, intercorrências e provocações*. Canoas: Ed. Ulbra. 2011. P. 17-132.
- NUNES, M. T. D. **Família, escola e educação de surdos**. Porto Alegre (RS), 2010. Artigo apresentado no Curso de Especialização em Educação Especial – Déficit cognitivo e Educação

de Surdos. Universidade de Santa Maria. Disponível em:  
<https://repositorio.ufsm.br/handle/1/1584>. Acesso: 02/07/2024.

OLIVEIRA, Mylena Lícia. **A literatura surda e a sua relação com a identidade surda**. Patos, 2021.

PEREIRA, Vilalba Nascimento Andrade. **Inclusão do Surdo no mercado de Trabalho**. Monografia (Licenciatura em Pedagogia) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2014.

SALAZAR, Daniela Lúcia. **O adolescente surdo e suas relações interpessoais e afetivas no contexto escolar**. 2018. 120f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Católica de Brasília, Brasília, 2018.

SANTANA, A. P.; BERGAMO, A. **Cultura e identidade surdas: encruzilhada de lutas sociais e teóricas**. Educação Social, v. 26, n. 91, p. 565-582, 2005.

SILVA, M. S; SANTOS, d. R. B; MARRA, A. G. A identidade e a subjetividade cultural surda em vistas à inclusão. **Revista Educação Especial**. v. 29, 2016, p. 429-439.

STROBEL, Karin Lílian. **As imagens do outro sobre a cultura surda**. 3. Ed. Florianópolis: UFSC, 2013.

SKILIAR, Carlos. **A surdez: um olhar sobre as diferenças**. 2. Ed. – Porto Alegre: Mediação, 2001.

VILHALVA, Shirley. **Despertar do silêncio**. Florianópolis: Editora Arara Azul, 2004.